

O poder do discurso: emoções no quadro de uma consulta referendária¹

GIL, ISABEL FUZETA
itmgil@sapo.pt
uc41185@uc.pt

PALAVRAS-CHAVE:
argumentação;
argumentabilidade das
emoções;
patemização;
emoção;
pathos.

KEY-WORDS:
argumentation;
argumentability of emotions;
pathemization;
emotion;
pathos.

Universidade de Coimbra
C.E.L.G.A. - I.L.T.E.C.

RESUMO: As emoções permeiam a atividade argumentativa, suscitando nos últimos anos renovado interesse por parte das modernas teorias da argumentação. Destacaremos algumas estratégias de “patemização” (Charaudeau, 2000; Plantin, 2000, 2002, 2011; Micheli, 2007, 2008a, 2008b, 2010) delineadas com vista a agir sobre um Outro; nesta dimensão discursiva de um FAZER FAZER, interessa-nos descrever os modos de semiotização das emoções, assinalando ainda que as emoções são elas próprias constituídas em objetos de discurso e passíveis de serem argumentadas. A partir de exemplos de um *corpus* de textos de opinião publicados na imprensa antes de uma consulta referendária, a qual potenciou momentos fortemente agónicos, dar-se-á particular enfoque às dimensões enunciativo-pragmática e configuracional dos discursos, salientando a estruturação argumentativa e o modo como as emoções são mobilizadas, convocando outras vozes e outros discursos no exercício da influência através da palavra.

ABSTRACT: Emotions are constitutive of argumentative activity and have originated renewed interest in modern theories of argumentation. Our analysis focuses some “pathemization” strategies (Charaudeau, 2000; Plantin, 2000, 2002, 2011; Micheli, 2007, 2008a, 2008b, 2010) used to act upon one Other. In an attempt to make Others to act, emotions are semiotized and turned into the object of discourse, to the point that one may speak of their “argumentability”. Using excerpts extracted from a *corpus* constituted by opinion press texts published prior to a referendum, particular emphasis will be given to the enunciative-pragmatic and configurational dimensions of discourse, especially to its argumentative structure and how emotions are semiotized and convey other voices and discourses as a means to exert influence.

1. EMOÇÃO E DISCURSOS — QUADRO TEÓRICO

1. Trabalho de investigação financiado pela FCT e pelo Portugal 2020, no âmbito das atividades do CELGA-ILTEC (POCI-01-0145-FEDER-006986 – UID/LIN/04887).

Que a atividade discursiva é percorrida pelas emoções, seja qual for a natureza destas, é hoje um facto reconhecido em várias áreas do conhecimento. Nas Ciências da Linguagem não se trata de averiguar se as emoções são, efetivamente, vivenciadas, mas antes de analisar como são convocadas de modo a configurar e a orientar argumentativamente os discursos. De resto, seria difícil afirmar que o Locutor A ou B é sincero ao manifestar determinada emoção: ao fazer a distinção entre comunicação emotiva — significada de vários modos, intencional e estrategicamente — e a comunicação emocional — esta de facto vivenciada, experienciada —, Christian Plantin nota que, embora a análise do discurso deva ter como objecto a comunicação emotiva, «la meilleure stratégie pour la communication émotive est de se faire passer pour de la communication émotionnelle, par jeu ou mensonge émotionnels» (Plantin, 2000: 106).

É, no entanto, previsível que dados os custos em manter a mentira, o Locutor acredite que experiencie as emoções que manifesta, direta ou indiretamente, no e pelo seu discurso. Este surge, assim, como o produto de uma estruturação e configuração emotiva, constituindo-se como um macro-ato ilocutório que dá lugar ainda a efeitos perlocutórios (coincidentes ou não com os objetivos do Locutor).

A heterogeneidade caracterizadora dos modos de semiotização da emoção revela-se na organização discursiva, sendo que não é apenas o léxico, o uso de “termos de emoção”, que confere ao discurso uma tonalidade emocional: os planos semântico-sintático e enunciativo-pragmático são dimensões fundamentais na “patemização” do discurso.

Não minimizando o papel das dimensões vocais e mimo-gestuais numa retórica das emoções, ocupar-nos-emos apenas das manifestações verbais das emoções no discurso, isto é, dos índices de patemização imbricados na configuração do discurso.

A planificação “patémica” da atividade discursiva pressupõe não apenas um FAZER CRER

mas também um FAZER EXPERIENCIAR em ordem a um FAZER FAZER. Plasmados no seu discurso estão os estados afetivos, psicológicos, as paixões do Locutor, que procura partilhá-los e através deles influenciar o Alocutário. As emoções tornam-se em si mesmas argumentos: a convocação de uma dada emoção deve ser fundamentada, em função das crenças, dos saberes doxais partilhados na mesma comunidade ou dos “savoirs de croyance” (Charaudeau, 2000). Surgem, pois, como objetos do próprio discurso as emoções; neste sentido, Plantin (2011) e Micheli (2008, 2010, 2013) falam de “argumentabilidade” das emoções.

As estratégias de patemização não podem deixar de se apoiar na construção discursiva do *ethos* e do *pathos*: há que construir um *ethos* capaz de recriar vivências e representações de modo a levar o Alocutário a agir.

2. OBJETO E OBJETIVOS DE ANÁLISE

As dimensões da ordem do afetivo, do emocional, do axiológico orientam globalmente o discurso — fundamentar um argumento poderá envolver também a justificação de uma emoção, poderá ser legitimá-la no quadro de um contexto particular em função de saberes doxais. Tal reveste-se de particular importância quando em foco está uma questão que polariza as opiniões e que envolve a passagem da esfera do privado para a esfera do público.

Justamente, a questão levada a referendo em 1998 e 2007² revelou todo um potencial de gerar estados disfóricos e dar origem a interações verbais vincadamente agónicas — tratando-se dos dois únicos momentos na vida política em que se verificou a ocorrência de uma consulta referendária, falamos da proposta sobre uma alteração da chamada “lei do aborto” ou I.V.G., alteração que incidia sobre dois pontos entendidos como fundamentais: o prazo legal para abortar/interromper a gravidez até às 10 semanas por vontade da mulher, que teria, portanto, a liberdade total para o fazer desde que dentro do prazo estipulado.

2. “Concorda com a despenalização da interrupção voluntária da gravidez, se realizada, por opção da mulher, nas 10 primeiras semanas, em estabelecimento de saúde legalmente autorizado?”

Note-se que a própria formulação desta pergunta foi polemizada, já que se invocou o poder de manipular a opinião pública através de escolhas lexicais e/ou sintático-semânticas — da análise desses textos não nos ocuparemos aqui.

Tal questão — o conteúdo da pergunta levada a referendo em ambas as ocasiões, com a mesma formulação — suscitou numerosas interações verbais que espelharam a bi-polarização dos cidadãos perante cenários hipotéticos que poderiam constituir o desfecho da alteração proposta. Durante a campanha que antecedeu as duas consultas, foram múltiplos os episódios de confronto verbal agónico, quer em sede parlamentar, quer nos meios de comunicação. Perante um tema tão sensível, os discursos foram orientados para a polemização, adotando diferentes estratégias na construção discursiva das emoções postas ao serviço da persuasão.

Os discursos do SIM e do NÃO — forma como globalmente os partidários e os oponentes à alteração ficariam a designar-se — manifestam emoções diversas de intensidade variável, sendo que o discurso de UM (do EU) desvela o discurso do OUTRO, ora fazendo-se eco de discursos anteriormente proferidos, ora antecipando outros discursos (Brès & Nowakowska, 2005). É constitutiva dos discursos uma dimensão dialógica/polifónica, como se sabe; tal como o discurso retoma outros discursos anteriores e outros, antecipa outros discursos-os também. Esta matriz interdiscursiva e interlocutiva convoca a voz do Outro, explícita ou implicitamente: retoma-se e confirma-se/refuta-se o discurso anterior e antecipa-se o discurso do Aloc./destinatário.

Nesse processo interessa-nos analisar de que modo as emoções se entretecem no discurso de modo a orientá-lo argumentativamente. Para tal, ter-se-á em apreço o modo como as emoções são *ditas, mostradas* ou *fundamentadas/sustentadas*³ (“émotions dites”, “émotions montrées” ou “émotions étayées”, na senda de R. Micheli (2008, 2010 e 2013). Estas três categorias propostas pelo autor envolvem modos distintos de semiotização das emoções: por oposição à primeira, as outras duas envolvem processos inferenciais. A emoção “étayée” é assim definida pelo autor: «une émotion peut être inférée à partir de la schématisation, dans le discours, d’une situation qui lui est conventionnellement associée selon un ensemble de normes socio-culturelles et qui est ainsi supposée en garantir la légitimité» (Micheli, 2013).

3. Tradução nossa. O dicionário Larousse *online* (<http://www.larousse.fr/>)(<http://www.larousse.fr/>) define ‘étayer’ do seguinte modo: 1. *Soutenir un élément, une partie de construction au moyen d’étais*. 2. *Soutenir quelque chose par des arguments, des preuves, le fonder, l’établir ou en être la base, la preuve*. Cf. ainda em <http://www.cnrtl.fr/> as várias definições do termo: *appuyer, soutenir; Renforcer, soutenir (à l’aide d’arguments); étayer une assertion, une conviction, une thèse*.

3. ANÁLISE

Na nossa análise destacaremos alguns segmentos de um texto de opinião (transcrito no Anexo), publicado em 26/06/1998 no semanário Expresso (Revista), cuja autora/Locutor⁴ apela ao voto SIM (como resposta à pergunta referendada). Serão objeto de análise alguns segmentos que ilustram de modo significativo o recurso ao *pathos* como estratégia de captação do Aloc./destinatário, em que a modalização axiológica que globalmente percorre o discurso serve o propósito do Loc. Os segmentos selecionados captam inequivocamente um quadro disfórico que constituirá a base da avaliação do Loc.: apoio à mulher, censura à típica figura masculina irresponsável e à sociedade que o desresponsabiliza, a partir de uma construção emocionada do discurso.

Tratando-se de um texto de opinião, não pode deixar de ser percorrido por uma dimensão marcadamente argumentativa/persuasiva — a própria temática, referenciando uma das questões mais polémicas na sociedade em geral, está na base da sua configuração como um contra-discurso, um discurso polémico que é um contra-discurso onde se degladiam vozes dissonantes.

Por outro lado, o texto inscreve-se numa rubrica que, à época e em vários jornais, era dedicada à expressão de uma opinião pessoal; ora, o Loc./autora empírica do texto em análise constrói o seu discurso de modo a modificar cognitivamente e passionalmente o comportamento dos Alocutários — que, em última instância, deverão exercer o seu direito de voto num dado sentido. Note-se que, dado o contexto referendário, estes Alocutários são também os seus destinatários, já que têm o poder de reverter pelo voto uma situação avaliada negativamente⁵.

3.1. TÍTULO E CONFIGURAÇÃO GLOBAL DO DISCURSO

Na configuração global do discurso, assume particular relevância, desde logo, o título: “*O sim, evidentemente*”. Não só a orientação de voto é referenciada, como o papel modalizador do

4. Por comodidade, passarei a assinalar como Loc. o Locutor (instância do discurso aqui coincidente com a autora empírica) e como Aloc. o Alocutário.

5. Como se sabe, o Alocutário é a entidade do discurso a quem o Locutor se dirige (distinto do ouvinte/leitor empírico). No entanto, nem sempre o Alocutário é o único destinatário do Loc.; no caso em análise, o destinatário não é somente o leitor do artigo de opinião, mas sim os portugueses que, na sua condição de cidadãos eleitores, têm o poder de, por voto direto, fazer aprovar a modificação de uma lei em vigor, ou que, pelo contrário, através desse mesmo poder, não se identificando com o PDV do Loc., votarão NÃO (induzidos por motivações variadas que não cabe aqui referir). Assim, há que reconhecer no discurso não apenas uma co-construção, mas também uma poli-destinação (Fonseca, 1998, 2001).

advérbio indicia um trabalho argumentativo a cujos resultados, aos olhos do Loc., o Alloc. não poderá furtar-se. Por outras palavras, o Loc. cria a expectativa de um quadro que só pode levar o Alloc. a identificar-se consigo.

O título (“*O sim, evidentemente*”) projeta e condensa assim todo um programa ideológico. Esta dimensão ilocutória global do discurso é explicitada nos enunciados finais, carreando valores assertivos já anunciados no título:

6. O título poderá constituir aquilo que Maingueneau refere como uma “*énonciation aphorisante*”. Pela sua brevidade, pela capacidade de condensar uma tomada de posição e por estar enraizado num *ethos* de autoridade que legitima o discurso, adquire matizes axiológicos que habilitam o enunciado a ser transformado numa espécie de voz doxal:

[...] quelq’un se pose en responsable, affirme des valeurs et des principes à la face du monde, s’adresse à une communauté par-delà les allocutaires empiriques qui sont ses destinataires, par-delà la diversité des genres de discours (Maingueneau, 2013: 109).

7. Segundo Adam (2015), numa sequência de tipo narrativo reconhecem-se as seguintes macro-proposições: a situação inicial, o nó (desencadeador de uma série de eventos), a reação ou avaliação, a resolução e a situação final.

(1) Vota SIM, evidentemente. E eu também. É preciso explicar porquê?

Convoca o interdiscurso, ao surgir ainda como resposta a outros discursos em torno da pergunta referendada, desencadeadora da polémica.⁶

O exemplo (1) retoma, como se disse, o programa anunciado no título; em perspetivas conversas, subsumem a orientação global do texto/discurso, bem como os valores axiológicos que levam o Loc. a identificar-se com a(s) vítima(s) de um dado estado de coisas.

3.2. ESTRUTURAÇÃO DISCURSIVA E CONSTRUÇÃO EMOCIONADA DOS OBJETOS DE DISCURSO

Embora se trate de um texto de opinião, a estrutura narrativa é dominante (Adam, 2015).⁷ O subtítulo constitui, aliás, uma introdução-resumo, que retoma o desfecho da história, ativando junto do Alloc./destinatário a representação discursiva de um “caso de vida”:

(2) Os pais nunca souberam que a sua vida tinha estado por um fio, mas a mãe desconfiou quando a viu chegar, uma estatuazinha de cera, uma velhinha, a tremelicar.

O subtítulo anuncia e resume o desfecho da sequência narrativa; na verdade, constitui a situação final ou desenlace, pelo que fica desde logo disponível a avaliação negativa de um estado de coisas avaliado disforicamente, dadas as consequências quase mortais de uma sucessão de eventos.

O encaixe desta sequência num discurso de opinião não é inócuo: é que a experiência de vida narrada serve o propósito de tipificar os estados de coisas e os actantes envolvidos no drama das mulheres, em especial as mulheres vítimas de um destino que as empurra para uma situação que as marginaliza e oprime em várias fases da vida envolvidas. Trata-se, pois, de apresentar uma sequência narrativa que é, argumentativamente, um exemplum, dotado de uma força persuasiva que apela à adesão do Alloc./destinatário ao ponto de vista (PDV) do Loc. que assina o artigo, porque tomado como prova,

Même imparfait ou discutable, l'exemple, parce qu'il est représentatif, permet de résorber des difficultés de compréhension ou de passer sous silence des cas moins nets ou plus complexes. (Herman, 2011: 98)

A narrativa de vida é, claramente, usada como estratégia para construir a emoção: procura desde logo estabelecer uma relação de empatia entre o Alloc. e a vítima, apelando à piedade e à compaixão. A narrativa de vida é aqui uma simulação de 'género', uma cenografia adotada, que produz determinados efeitos discursivos, ao serviço do tema abordado.

Anunciada como uma vítima digna da sim-patia (Charaudeau, 2000) do Alloc./destinatário, e com a qual o Loc. se identifica, é previsível que o discurso construa também o(s) *agentes(s)-causadores* do seu sofrimento. Em diversos segmentos discursivos referenciar-se-ão, de facto, vários *actantes-causadores* da dor (psicológica e física) da vítima.

Assim, organiza e domina o discurso um eixo semântico de oposição radicalizada *Vítima-Agressor(es)*, nele se inscrevendo uma perspectiva maniqueísta onde se apresentam actantes e se fazem ouvir diversas vozes, ora em sintonia ora em conflito.

O texto abre com uma estrutura não canónica, o pronome anafórico *ela*, sem antecedente expreso. Opera-se uma generalização do objeto discursivo a todas as mulheres que passaram pela situação na qual se viu envolvida a vítima:

(3) ELA já não tem 18 anos mas tinha 18 anos quando as coisas aconteceram.

O pronome “anafórico” marca a intenção de tipificar este actante e o uso de maiúsculas constitui uma estratégia de focalização. São mecanismos diversos que concorrem para que a narrativa seja “lida” como *exemplum*.

É uma narrativa que parte da exposição da complicação do elemento desencadeador, apresentado discursivamente num pano de fundo — também ele tipificado (“há sempre um rapaz, e uma noite sem guarda...”) — e que introduz um novo actante.

(4) Havia um rapaz, há sempre um rapaz, e uma noite sem guarda, e quando deu por isso as coisas tinham mesmo acontecido.

Inicia-se um movimento argumentativo, a partir desta organização de tipo narrativo, tendente a anular a culpa atribuída à mulher (uma jovem que se vê forçada a interromper a gravidez em condições deficitárias) no contra-discurso.

O Loc., apoiante do SIM, constrói discursivamente um quadro disfórico, sobre um estado de coisas que fica implícito, apresentando um ethos de empatia para com uma vítima de um quadro legal injusto. Ao longo da narrativa, a mulher será apresentada como vítima inocente, quase condenada à morte e por isso objeto de piedade.

Preparando a argumentação, a narrativa recua até uma época de inocência (macroproposição - situação inicial) em que a jovem de 18 anos se deixa envolver numa situação de enganos — esta situação é generalizada no segmento intercalado “há sempre um rapaz”. Este comentário, de teor doxal, que pressupõe um conhecimento partilhado, relembra que a mulher não está sozinha — há um outro actante, que se descarta “sempre” das suas responsabilidades⁸. Fica assim disponível no discurso um outro objeto, o rapaz/pai pouco sério nos seus compromissos, pior ainda, um agressor, causador de uma situação catastrófica para a vítima. Para o efeito de generalização do tipo de situação narrada contribui ainda o uso do pretérito imperfeito do indicativo: pelo seu valor aspetual imperfetivo/habitual, procede-se à construção discursiva

8. A indeterminação deste artigo reforça a imagem discursiva de um actante que se põe à margem dos acontecimentos. Ora, durante a campanha para o referendo, foi frequentemente sublinhado o facto de que a responsabilidade de fazer um aborto é também do homem, que não pode nem deve colocar-se à margem (na sombra...) de tal decisão.

de um estado de coisas habitual/frequente — diríamos que surge na narrativa uma situação padronizada que leva a uma série de eventos (que culminarão num evento de consequências quase fatais, anunciadas no título). Por outro lado, o Loc. introduz assim a descrição de elementos necessários à compreensão global textual (Adam, 1981).⁹

Por oposição a este valor imperfetivo, o uso do pretérito perfeito e do pretérito mais-que-perfeito, carreando valores aspetuais perfeitivos e episódicos, reforçados pela estrutura adverbial “uma noite”, contrasta com a habitualidade das situações veiculadas pelo uso do imperfeito e do presente do indicativo (“*Havia...*” / “*há ...*”, “*e uma noite...*”, “*e quando deu por isso... tinham mesmo acontecido*”).

A construção discursiva destes dois actantes serve a orientação discursiva maniqueísta já referida, recorrendo a estratégias de “angelização” da rapariga e “diabolização” do rapaz. Tal estratégia visa a hiperbolização das emoções e a adesão ao campo do SIM.

Da mesma estratégia maniqueísta faz parte o recurso a todo um vocabulário que carrega avaliações axiológicas negativas. O enunciado abaixo situa o rapaz no pólo da *agressão*, enquanto a rapariga se situará no pólo da *vítima*:

(5) Depois, o rapaz riu-se muito e jurou-lhe amores eternos, mas uma intuição danada, misturada de terror e desejo, segredou-lhe que estava metida num sarilho.

É pelo ponto de vista da vítima que a emoção entra no discurso: a lexia “intuição”, qualificada por “danada”, traz o medo para o mundo discursivo, prepara o Alocutário/destinatário para uma evolução negativa dos acontecimentos. Essa antevisão tende a incutir no Aloc., sobretudo pelo não-dito, disposições afetivas/psicológicas visando a sua adesão ao ponto de vista do Loc.

As lexias “terror” e “sarilho” reforçam a avaliação negativa que o Loc./Enunciador faz da situação que vitimará a jovem, cuja voz se faz assim ouvir.

9. Note-se que a forma “havia” é típica do segmento introdutório da narrativa (tal como “era uma vez”).

O Loc. lentamente vai formulando um apelo à piedade, adotando e discursivamente construindo o PDV da vítima. Esta assimilação do Loc. à voz da jovem revela contornos que *mostram e hetero-atribuem* ao representante masculino da tragédia estados passionais avaliados negativamente, desde o riso irresponsável inicial ao ‘rosnar’ final, e que indiciam/mostram uma imagem de indiferença e egoísmo.

(6) *Depois, o rapaz riu-se muito...*

(7) Era preciso desmanchar aquilo, e depressa, *rosnou* ele.

Perante uma situação desde o início avaliada disforicamente, o Loc. estrategicamente vai tecendo um discurso em que a piedade, a compaixão e a indignação se fundamentam na situação esquematizada. É esta esquematização, que dá a ver ao Alloc. uma situação indutora de compaixão, segundo saberes e crenças partilhados pela comunidade, que legitima a experiência de determinados estados passionais: é a emoção “*étayée*”. De facto, a narrativa de vida constitui-se como estratagemas de construção da emoção: através dela ficam disponíveis dados que o Alloc./destinatário pode captar como justificação ou atenuante para decisões tomadas pela “vítima”, suscitando e legitimando estados emocionais de empatia entre Alocutário/auditório e a “vítima” que aqui se representa por via discursiva

A figura masculina é construída em negativo. Fica disponível a imagem diabolizada deste actante situado no pólo da *agressão*, confirmando a perspectiva maniqueísta da organização semântico-pragmática do discurso. Com efeito, este amplifica a negatividade da imagem masculina, como o verdadeiro *agente/causa* do problema, que “rosna” que é “preciso desmanchar aquilo” e “queixa-se”:

(8) O rapaz *gaguejou* e *queixou-se* de ela ser «uma anjinha que não sabia fazer as contas». Ia emendar a coisa, através de um tipo mais velho que conhecia, uma mulher que fizesse o desmancho. O quê? Era preciso desmanchar aquilo, e depressa, *rosnou* ele. Ele *arranjava metade*

do dinheiro, julgando-se muito magnânimo. «Fifty, fifty», disse-lhe. Custava uns contos de réis, ela que se desenhava com a outra metade. Do amor eterno nem sinais na areia. Ela também nunca acreditara muito. E «*a culpa era dela*», evidentemente.

Ainda que sejam ambos apresentados como ignorantes, a rapariga é jovem, desprotegida, oriunda de um meio pobre, um meio que lhe tira a voz (veja-se a prepotência do pai) e a (sobre)carrega com responsabilidades para as quais não mostra ter competência. No exemplo abaixo, o locutor constrói a imagem dessa jovem-mulher integrada num ambiente disfórico, de privações variadas, uma negatividade que a atinge também, nas suas características metaforicamente apresentadas (“não era uma águia”¹⁰; “os estudos pendiam-lhe das mãos lentos e pesados”):

(9) Andava a acabar o liceu, feito com muitos sacrifícios da família, e ela seria a primeira a entrar para a universidade. Mas não era uma águia, os estudos pendiam-lhe das mãos, lentos e pesados como chumbo, e chumbara assim um ano. Repetente, soprara o pai. Estava destinada a um curso da faculdade de letras, que não devolvesse muitas crueldades [sic] e lhe autorizasse uma ocupação de professora num liceu. A irmã começara a trabalhar sem acabar de estudar e os pais faziam-lhe ver a diferença e o privilégio.

A caracterização polarizada é acentuada na descrição do ambiente que rodeia a jovem. O emprego do *verbo dicendi* “soprar”, pelo seu conteúdo semântico, implica a falta de diálogo, por um lado, e a censura à filha que não corresponde às expectativas do pai. A falta de controlo desta jovem sobre a sua vida é também mostrada pelo emprego de uma formulação sintático-semântica passiva: “estava destinada”, que anula a positividade de um possível ingresso na universidade. Eis um actante paciente, que não controla o seu destino — o *fatum* trágico ao qual se resigna e que a controla —, submetendo-se a um agente que estabelece o mapa do seu futuro.

O ambiente familiar pouco auspicioso, onde não há comunicação (“punia muito e falava pouco”; “a mãe falava pouco”; “dissera-lhe para “ter juízo””; “assunto dos namoros evitado”;

10. Como se sabe, através desta comparação emblemática a águia surge como o expoente máximo da inteligência, pelo que o discurso disponibiliza assim os saberes e crenças vigentes na comunidade. Por outro lado, fica aqui disponibilizado mais um elemento para a visão disfórica (falta de auto-confiança) através da voz da própria vítima: “*não era nenhuma águia*”).

“palavras meias”), antecipa a inevitabilidade do desfecho da narrativa, a que se junta a imagem de juventude e inexperiência da jovem (“miúda”, “miúdas como ela”):

(10) O rapaz trabalhava num «stand» de motas, o que lhe permitia andar atrás das miúdas como ela. Se os pais soubessem... lá em casa ia-se à missa aos domingos e praticava-se uma regra rígida. O pai punia muito e falava pouco e a mãe falava pouco à frente do pai. A mãe disse-lhe para «ter juízo», e o assunto dos namoros era evitado com cuidado e tratado com pinças. A irmã explicara-lhe a transição de menina para mulher, com palavras meias e acrescentando que «era normal aquelas coisas acontecerem».

Repare-se que o semantismo de “miúda” amplifica a defesa de não-culpabilidade em favor da qual o Loc. argumenta. Por isso, o recurso a esta lexia, em detrimento, por exemplo, da lexia “mulher”, orienta argumentativamente o discurso já que a esquematização discursiva escolhida suporta a representação da questão em debate como um problema de jovens indefesas que sofrem as consequências de serem mulheres muito cedo em ambiente adverso. Esta visão disfórica da mulher será reiterada ao longo do texto, reforçando os laços de sentido criados. A negatividade do mundo representado marca toda a construção discursiva. Veja-se o valor disfórico dos estados de coisas referidos e em particular a negatividade dos adjetivos no exemplo seguinte:

(11) Um prédio *envelhecido e pelado*, num bairro *mal afamado* de Lisboa. Subiu as escadas de madeira, com a amiga atrás a fazer companhia, e a mulher abriu-lhe a porta e mandou-a entrar na sala *abafada* na meia-luz. Um sofá *esgarçado e pardo*, *uma planta a morrer num vaso*, *à míngua de calor*.

O *ethos* do Locutor é, como acima referimos, um *ethos* patemizado, marcado pela com-paixão (Charaudeau, 2000), de alguém capaz de se associar à paixão-sofrimento do Outro. Em crescendo trágico, o Loc representa as consequências de um ato irrefletido.

Introduzido, na situação inicial, o quadro disfórico que aprisiona a jovem, a narrativa prossegue dando conta do seu desenrolar pela representação do medo experienciado pela jovem, uma emoção dita e mostrada, através de indícios de ordem vária (insónias, falta de apetite) e superlativada na personificação do medo:

(12) Deixou de comer e de dormir, com *o medo a deitar-se ao seu lado na cama* e a murmurar-lhe noite dentro que fora apanhada na teia de incertezas e horrores próprios do seu sexo.

O discurso é construído argumentativamente em função de um eixo complementar de agentividade/causalidade, o qual retira quase o caráter acional/agentivo da mulher, *paciente* e *experienciadora* de um processo que não controla. A sua vulnerabilidade desculpabiliza-a do crime cometido à luz da legislação.

Esta esquematização discursiva apoia a construção argumentativa da piedade e da indignação. A recategorização da mulher como vítima orienta o percurso interpretativo do Alocutário no sentido de encontrar os *agentes* e as *causas* que verdadeiramente levam à violação da lei.

A descrição da situação tão desfavorecida em que se encontra a jovem vítima reforça num movimento de *crescendo* a vertente emocional do discurso, ao serviço de um *pathos* que aproxima Loc. e Alloc. Esta descrição permite ainda representar outras emoções, as emoções da jovem dominada pelo medo (“Se os pais soubessem...”), o que reforça a construção do *pathos* de piedade e compaixão. O medo é aliás a única emoção que o Loc. atribui à jovem, mostrada, como na expressão citada, ou explicitamente dita.

É pela voz da vítima que surge na enunciação uma outra emoção dita: a vergonha, indicia-da também pelo rubor, a par da humilhação inferida do ambiente disfórico, dos pormenores sórdidos relatados.

Esses estados emocionais são induzidos por mais um momento de polifonia em que outras vozes de censura se fazem ouvir: as vozes que falam de “galdérias”, de “impureza”, de “pecado”. Também a sordidez e a falta de higiene num sítio “mal afamado”, bem como a insensibilidade — a “acidez” — com que se depara contribuem para reforçar essas emoções. A descrição de todo o procedimento justifica esses estados emotivos:

(13) A mulher, com voz ácida, disse-lhe que se despisse e começou a apalpá-la, de pernas para o ar. Tremia toda. Pôs-lhe uma máscara negra na boca e no nariz, de cheiro adocicado. Não se lembra do tempo a passar, lembra-se que doeu muito durante [sic], e que a mulher barafustava que era «uma profissional», que era o que valia, e que repetia muito «está quase, está quase». Foi a sua vez no sofá, molhada de lágrimas e de dores. A mulher deu-lhe um penso higiénico e uns comprimidos e disse-lhe para descansar meia hora. Depois estava livre.

E aconselhou-a a não se meter mais em sarilhos, que as «galdérias» pagam uma factura muito cara.

O eixo semântico-referencial da *morte* domina as sequências temáticas seguintes. Na expressão “abraços da morte” ficando condensado esse cenário disfórico de quase-morte dado a ver pelo Locutor.

(14) A hemorragia veio um dia mais tarde, sangue e mais sangue, sem parar. E as dores, *abraços da morte*.

O Alocutário é, assim, induzido a experienciar estados passionais que o persuadirão a agir de modo a impedir situações semelhantes.

3.3. AS VOZES DO DISCURSO: DA NARRATIVA EXEMPLAR À CAMPANHA PELO SIM

A exemplaridade da narrativa decorre das relações que é possível estabelecer entre as suas características e particularidades e as vozes que, na sociedade portuguesa se confrontam a propósito do referendo.

Desde logo, porque esta construção narrativa integra no discurso outros discursos anteriores: os discursos do SIM, que têm como um dos argumentos a favor do seu programa ideológico a inevitabilidade de um destino disforicamente apresentado, mas sobretudo os discursos do NÃO, que imputam à mulher a responsabilidade dos seus atos¹¹.

O caráter exemplar da narrativa é ainda sublinhado pela falta de comunicação, condicionada, nomeadamente, pelo medo. Ora, este é um dos argumentos do SIM: as vítimas do aborto são, pelo impedimento de acesso à informação, pela pobreza física e moral de que são oriundas, inocentes de um crime de que são acusadas. A descrição do ambiente tipifica a situação familiar que o SIM, ao longo da campanha pré-referendo, afirmou constituir fator atenuante e indutor de compaixão perante o que a lei considera um crime. Verifica-se, pois, que este discurso convoca outros discursos e outras vozes para construir a argumentação.

O segmento final é planificado em ordem a uma inversão de valores: o crime é cometido por quem faz do aborto um negócio em condições degradantes e não pela mulher. A voz que domina agora é a da vítima que recorda o passado e que apresenta a consequência mais devastadora: a de não poder gerar vida.

E o caráter exemplar é, ainda, sublinhado pela exortação final. Fecha a sequência narrativa¹² uma injunção a que se sobrepõe a modalização assertiva do advérbio e a que a presença explícita do Loc., no uso do deítico *Eu*, dá força.

(15) Vota SIM, evidentemente. E eu também.

11. Não será por acaso que a tolerância é designada como um valor/sentimento ausente dos discursos dos oponentes à alteração da lei...

12. Note-se que a narrativa é também uma estratégia presente nos discursos parlamentares; por outro lado, narrativas semelhantes surgem de igual modo nos discursos do NÃO (Gil, 2012, 2013), convocando emoções da mesma ordem, embora com o objetivo ilocutório de atingir conclusões opostas.

O advérbio modalizador “evidentemente”, retomado do título, implica um único caminho a seguir. Daí a exortação aos destinatários, os eleitores portugueses, vazada na pergunta:

(16) É preciso explicar porquê?

A pergunta que fecha o texto reforça a exortação, o “sim evidentemente”; mas mais do que isso, é provocativa também (perante a narrativa exemplar, implica-se que o Alloc. tem todos os dados para atingir uma dada conclusão). Subentende o efeito persuasivo da narrativa, para além de qualquer dúvida.

4. CONCLUSÃO

O eixo semântico-pragmático *vítima – agressor(es)* que estrutura o discurso convida, através de estratégias de patemização (e, logo, de modalização), à recusa de um dado estado de coisas para o inverter e corrigir. Cabe ao Alloc./destinatário — aos portugueses como atores sociais e políticos — agir repondo a justiça, num gesto de empatia/compaixão.

Mas este *fazer agir* é função de um *fazer experienciar*, antes de mais. A estratégia do Loc. de dar a ver as emoções como fundadas em razões pretende persuadir e fazer cumprir o programa ideológico do SIM: votar SIM, “evidentemente”. É que os factos e evidências argumentam em favor de e impõem mesmo, segundo o Loc., apenas uma conclusão. A espetacularização das vivências de uma vítima constituem uma instrução para reverter uma situação axiologicamente vista como negativa.

A descrição dos efeitos atribuídos, em última análise, à lei que impede a mulher de se defender é feita através da enumeração em cadeia de vários eventos que culminam ou na morte ou impossibilidade de gerar vida. Ainda que nalguns casos as emoções sejam ditas ou mostradas, é a esquematização do Locutor que justifica que este e que o Allocutário experienciem estados de natureza afetiva/psicológica tendentes a um *fazer agir*. Essa esquematização ou re-

apresentação discursiva, que Grize (1990) define como uma forma de “dar a ver”, toma aqui a forma de uma narrativa de vida que o Locutor constrói como textualização da problemática da despenalização/legalização da IVG. Tal textualização fundamenta-se, de forma pertinente, na imagem e expectativas que este Locutor possui do seu Alocutário. A narrativa está ao serviço de um programa argumentativo inserindo-se no macroato ilocutório de convencer ou persuadir a votar SIM.

Como refere Plantin (2000, 2011), argumentar uma emoção é argumentar uma conclusão. Pelas suas dimensões enunciativas-pragmáticas, pela sua configuração global, pela sua estruturação argumentativa, a atividade discursiva constitui um instrumento de influência do poder dos cidadãos no mundo.

Em particular nos excertos analisados, no contexto de um referendo, os cidadãos-destinatários têm a capacidade de agir e moldar a realidade. Essa capacidade de decisão é indissociável das emoções, na medida em que estas condicionam a imagem que cada um faz de si e do Outro.

REFERÊNCIAS

- Adam, J.-M. (2017). *Les textes: types et prototypes*. Paris: Armand Colin.
- Charaudeau, P. (2000). *Les stratégies de pathémisation à la télévision comme stratégie de authenticité*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- Fonseca, J. (1998). *A organização e o funcionamento dos discursos. Estudos sobre o Português*. Porto: Porto Editora.
- Fonseca, J. (2001). *Língua e Discurso*. Porto: Porto Editora.
- Grize, J.-B. (1990). *Logique et langage*. Paris: Ophrys.
- Herman, T. (2011). De l'exemple à l'exemplum: réflexions sur leur efficacité rhétorique. *Diversité et identité culturelle en Europe*, 8/2. Acedido em 15 de maio de 2016 em www.diacronia.ro/indexing/details/A402/pdf.
- Maingueneau, D. (2013). Aphorisation et cadrage interprétatif. *Redis: Revista de Estudos do Discurso*, 2, 103-116.
- Micheli, R. (2008a). L'analyse argumentative en diachronie: le pathos dans les débats parlementaires sur l'abolition de la peine de mort. *Argumentation et Analyse du Discours*, 1, 2008. Acedido em 10 de fevereiro de 2009 em <http://aad.revues.org/482>.
- _____(2008b). La construction argumentative des émotions: pitié et indignation dans le débat parlementaire de 1908 sur l'abolition de la peine de mort. Presses de l'Université de Rennes, 127-140.
- _____(2013). Esquisse d'une typologie des différents modes de sémiotisation verbale de l'émotion. *Semen*, 35. Presses Universitaires de Franche-Comté, 17-39.
- Plantin, Chr. (2000). *Se mettre en colère en justifiant sa colère*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- _____(2003). *Structures verbales de parole émue*. Sprimont: Pierre Mardaga, 97-130.
- _____(2011). *Les bonnes raisons des émotions: principes et méthode pour l'étude du discours émotionné*. Bern: Peter Lang.
- Walton, D. (1992b). *Slippery slope arguments*. Oxford: Oxford University Press.

O sim, evidentemente

Clara Ferreira Alves

Os pais nunca souberam que a sua vida tinha estado por um fio, mas a mãe desconfiou, quando a viu chegar, uma estatuazinha de cera, uma velha a tremelicar.

ELA já não tem 18 anos mas tinha 18 anos quando as coisas aconteceram. Havia um rapaz, há sempre um rapaz, e uma noite sem guarda, e quando deu por isso as coisas tinham mesmo acontecido. Depois, o rapaz riu-se muito e jurou-lhe amores eternos, mas uma intuição danada, misturada de terror e desejo, segredou-lhe que estava metida num sarilho. Andava a acabar o liceu, feito com muitos sacrifícios da família, e ela seria a primeira a entrar para a universidade. Mas não era uma águia, os estudos pendiam-lhe das mãos, lentos e pesados como chumbo, e chumbara assim um ano. Repetente, soprara o pai. Estava destinada a um curso da faculdade de letras, que não devolvesse muitas crueldades e lhe autorizasse uma ocupação de professora num liceu. A irmã começara a trabalhar sem acabar de estudar e os pais faziam-lhe ver a diferença e o privilégio.

O rapaz trabalhava num «stand» de motas, o que lhe permitia andar atrás das miúdas como ela. Se os pais soubessem... lá em casa ia-se à missa aos domingos e praticava-se uma regra rígida. O pai punia muito e falava pouco e a mãe falava pouco à frente do pai. A mãe dissera-lhe para «ter juízo», e o assunto dos namoros era evitado com cuidado e tratado com pinças. A irmã explicara-lhe a transição de menina para mulher, com palavras meias e acrescentando que «era normal aquelas coisas acontecerem». Entretanto, outras coisas tinham acontecido. Deixou de comer e de dormir, com o medo a deitar-se ao seu lado na cama e a murmurar-lhe noite dentro que fora apanhada na teia de incertezas e horrores próprios do seu sexo. Em pequena, perguntara nas aulas de catecismo o que era o pecado da luxúria, pecados de impureza, dissera a catequista. Sem mais.

ANEXO

Expresso — Revista

26/06/1998

Uma amiga, filha de médicos, foi quem a salvou. Disse-lhe que tinha de fazer o teste da gravidez, deu-lhe o nome de uma farmácia que aceitava análises. Lembra-se do tempo que teve de esperar pelo resultado, com o coração apertado, e da vergonha corada quando o farmacêutico lhe entregou o sobrescrito fechado. Estava grávida, claro. Ninguém podia saber, ninguém podia saber. Dormiu com o sono do pesadelo uma semana, e chorou pelos cantos, e depois foi ter com o rapaz. O rapaz gaguejou e queixou-se de ela ser «uma anjinha que não sabia fazer as contas». Ia emendar a coisa, através de um tipo mais velho que conhecia, uma mulher que fizesse o desmancho. O quê? Era preciso desmanchar aquilo, e depressa, rosou ele. Ele arranjava metade do dinheiro, julgando-se muito magnânimo. «Fifty, fifty», disse-lhe. Custava uns contos de réis, ela que se desenvencilhasse com a outra metade. Do amor eterno nem sinais na areia. Ela também nunca acreditara muito. E «a culpa era dela», evidentemente.

Valeu-lhe a amiga, que lhe foi buscar o resto do dinheiro. Era fácil, o rapaz telefonou com uma morada e um número de telefone, ela marcava e aparecia na data marcada. Como tirar um dente, um bocado pior. E pronto. Ele não podia ir lá, era coisa de mulheres.

Um prédio envelhecido e pelado, num bairro mal afamado de Lisboa. Subiu as escadas de madeira, com a amiga atrás a fazer companhia, e a mulher abriu-lhe a porta e mandou-a entrar na sala abafada na meia-luz. Um sofá esgarçado e pardo, uma planta a morrer num vaso, à míngua de calor. Ela lembra-se que era uma árvore da borracha, e que no sofá se contorcía uma rapariguinha, a «cliente» anterior. A mulher exigiu o dinheiro, tantos contos de réis, se faz favor. A janela tapada com vidros foscos e um cheiro a sujidade e éter que trespassava tudo, o coração, as narinas, a pele, o medo. Apeteceu-lhe fugir mas não tinha saída, nem escolha, nem nada. A mulher, com voz ácida, disse-lhe que se despisse e começou a apalpá-la, de pernas para o ar. Tremia toda. Pôs-lhe uma máscara negra na boca e no nariz, de cheiro adocicado. Não se lembra do tempo a passar, lembra-se que doeu muito durante [sic], e que a mulher barafustava que era «uma profissional», que era o que valia, e que repetia muito «está quase, está quase». Foi a sua vez no sofá, molhada de lágrimas e de dores. A mulher deu-lhe um penso higiénico e uns comprimidos e disse-lhe para descansar meia hora. Depois estava livre.

E aconselhou-a a não se meter mais em sarilhos, que as «galdérias» pagam uma factura muito cara. Ela lembrou-se que o pai chamara o mesmo a uma prima que se tivera de casar à pressa, contra vontade. «Uma galdéria», tinha dito o pai. Sentiu-se impura, esvaziada como um saco, pecadora. Pecados de impureza, como no catecismo. Depois, andou muito a pé, para se esquecer, com a amiga atrás, atarantada, com o fumo dos escapes a entrar-lhe nos pulmões, o sangue a correr entre as pernas. Andou muito, como cega, isso lembra-se bem. O que era ter um filho? Um bebé? O que era isso? Como tirar um dente mas pior? Muito pior? A hemorragia veio um dia mais tarde, sangue e mais sangue, sem parar. E as dores, abraços da morte. A amiga assustou-se e contou aos pais, os médicos. Arranjaram uma desculpa de um fim-de-semana fora com a família e levaram-na de casa, com o pai a desligar o telefone, dada a autorização, e a dizer que era gente decente aquela. Tinha a sua bênção. E médicos, claro. Gente decente.

Os médicos conhecem outros médicos, e foi assim que lhe salvaram a vida. Teve de fazer uma raspagem de urgência, de levar sangue, de tomar antibióticos. Os pais nunca souberam que a sua vida tinha estado por um fio, mas a mãe desconfiou quando a viu chegar, uma estatuazinha de cera, uma velhinha, a tremelicar. Nunca mais se discutiu o assunto.

Anos mais tarde, muitos anos mais tarde, quando quis ter um filho, ouviu a verdade sobre aquela tarde. «Nunca mais pude ter filhos. O aborto tinha sido muito mal feito, mão criminosa. Naquela tarde rebentaram comigo, a isto é que eu chamo um crime. Se tivesse tido a assistência devida, a minha vida teria sido outra, mais feliz. Eu era uma criança, naquele tempo.» Ela olha para mim, sorri magoada: «Nunca mais pude ter filhos.»

Vota SIM, evidentemente. E eu também. É preciso explicar porquê?

